

POR UMA SEMIOLOGIA HISTÓRICA DO DISCURSO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO

Carlos PIOVEZANI FILHO
(cpiovezani@hotmail.com)

Universidade Estadual Paulista (UNESP/FCL-Araraquara –
Doutorado/Capes)

Introdução

Não obstante as fundações, os desenvolvimentos e a consolidação da Análise do discurso, no que concerne à sua capacidade heurística, à sua aptidão interpretativa acerca da produção e da formulação discursivas, por meio da concepção e dos aperfeiçoamentos de noções como interdiscurso, formação discursiva, memória discursiva, arquivo, de um lado, e intradiscurso, pré-construído, discurso relatado, heterogeneidade mostrada, de outro, a reflexão em AD, desde seus primórdios, sugeria, abria caminhos, mas não trabalhava efetivamente sobre a instância material de transmissão do discurso. É justamente a partir daí que gostaríamos de sustentar, desenvolvendo uma tradição brasileira da AD, que se pode/se deve analisar os materiais por meio dos quais o discurso circula e significa. Ainda que Michel Pêcheux, nos seus últimos textos, tenha falado das metamorfoses do discurso político, afirmando que esse campo discursivo estava já há alguns anos definitivamente ligado às mídias; e ainda que Eni Orlandi tenha recentemente concebido a tricotomia "constituição/formulação/circulação" (ORLANDI, 2001), a AD, ao menos no que concerne ao discurso político, continuou a dar menos atenção que, de fato, os suportes materiais do discurso mereceriam. Em suma, e quase ingenuamente, sublinhamos uma obviedade, a saber, as mudanças do objeto de análise impõem forçosamente que se empreendam transformações teóricas e metodológicas: quando se trata do discurso político na televisão, em relações homólogas ou díspares com a linguagem verbal, o corpo, as imagens e a tela desempenham funções fundamentais... numa palavra: a circulação faz sentido.

*

Na história recente das trocas científicas entre Brasil e França, há um fenômeno interessante que respeita à lingüística: uma das vertentes mais ativas, reconhecidas e produtivas é aquela que se designa pelo nome "Análise do discurso francesa". Evidentemente, o paradoxo segundo o qual uma atividade científica brasileira é qualificada de "francesa" não é senão aparente: trata-se, como sabido de muitos, de um campo de saber desenvolvido no Brasil, a partir do conjunto de postulados teóricos e metodológicos elaborados e/ou desenvolvidos pelo filósofo Michel Pêcheux e seu Grupo de pesquisas, que configuram a AD francesa e que são o produto de uma síntese entre uma certa lingüística, um certo marxismo e uma pitada de psicanálise, no contexto francês da segunda metade da década de 60, no seio da corrente estruturalista.

É precisamente sobre os desenvolvimentos desse campo de saber, tanto na França quanto no Brasil, que refletiremos, e, a partir daí, tentaremos esboçar alguns eventuais deslocamentos teóricos e metodológicos da Análise brasileira do discurso político em relação às modificações e às complexificações da "fala" política contemporânea: metamorfoses do conteúdo, da expressão e da circulação¹.

Fundamos nossa reflexão sobre a hipótese, assaz cara à AD, segundo a qual a produção e a interpretação dos sentidos instauram-se como encarnação do discurso na história. Acreditamos que seja necessário, com vistas a melhor interpretar os mecanismos de construção dos sentidos, considerar simultaneamente a constituição histórica do discurso, sua formulação lingüístico-histórica sob a forma de gêneros, enunciados, sintagmas, e sua materialização num médium. É preciso ainda sublinhar que, segundo cremos, uma análise dessa envergadura poderá dar resultados mais produtivos se houver uma "síntese" dos avanços teóricos e analíticos obtidos diferentemente no Brasil e na França, quando se trata de focalizar, indissociavelmente, essas três dimensões supramencionadas. Nosso ponto de vista, que, com efeito, tem um intuito comparativo, é produzido a partir do contexto brasileiro: assumimos, plenamente, nesse âmbito, nossa subjetividade latino-americana.

¹ Pensamos, aliás, que talvez seja possível traçar algumas relações bastante estreitas entre essas três dimensões. Nesse sentido, a noção de diagrama, concebida por Michel Foucault, é essencial: "Le diagramme, ce n'est plus l'archive, auditive ou visuelle, c'est la carte, la cartographie, coextensive à tout le champ social. C'est une machine abstraite. Se définissant par des fonctions et des matières informelles, elle ignore toute distinction de forme entre un contenu et une expression, entre une formation discursive et une formation non-discursive. C'est une machine presque muette et aveugle, bien que ce soit elle qui fasse voir, et qui fasse parler." (DELEUZE, 1986, p. 42).

Origens, deslocamentos e desenvolvimentos da AD no Brasil

A partir de sua introdução no Brasil, a AD foi se consolidando e se tornando progressivamente uma disciplina bastante influente no cenário lingüístico do universo acadêmico brasileiro². Muitos desenvolvimentos e avanços foram empreendidos pela AD na Unicamp³, desde essa época, mas, atualmente, também alhures: existem Grupos bastante sólidos de AD nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, no Rio de Janeiro, e em São Paulo, como na UNESP, sobretudo em Araraquara, com uma história de mais de 10 anos do GEADA, e mais recentemente em São José do Rio Preto, entre outros tantos Grupos espalhados pelo Brasil (cf. podemos observar pela relação diversificada de colegas e professores inscritos no II SEAD). Entretanto, ainda que se tenha avançado na teoria e no método desde então, é preciso reconhecer que a AD brasileira, talvez justamente em razão de sua configuração institucional, intimidou-se ocasionalmente diante da possibilidade de alguns aperfeiçoamentos e de algumas renovações promissoras.

Partindo daí, gostaríamos de tentar focalizar alguns deslocamentos e inflexões epistemológicas da AD, no começo dos anos 1980, momento da instauração da AD "francesa" no Brasil, e simultaneamente da morte de seu principal fundador. Deslocamentos que nos permitirão propor talvez alguns retoques epistemológicos ou, ao menos, apontar algumas possibilidades conceptuais e analíticas.

Essas transformações não são as mesmas dos dois lados do Atlântico. Na França, podemos afirmar, com J.-J. Courtine, membro do Grupo de Michel Pêcheux, que, a partir da segunda metade dos anos 80, a AD progressivamente gramaticalizou-se. Com efeito, nos nossos dias, seria talvez mais preciso falar de tendências retórica e/ou pragmática, no limite, interativo-conversacionais da AD, se pensarmos no Dicionário de AD, de Maingueneau e Charaudeau, na recente publicação do número 09 da revista *Marges linguistiques*, organizado por Maingueneau, nos trabalhos de Jean-Michel Adam, de Catherine Kerbrat-Orecchioni e Ruth

² O princípio dessa análise "francesa" do discurso no Brasil aconteceu por volta do fim dos anos 70 e início dos anos 80, no momento em que a Professora Eni Orlandi ministrava suas primeiras aulas de AD, na Unicamp. No que respeita a esses primórdios, devemos ressaltar ainda que se tratava do período de enfraquecimento da ditadura imposta pelo regime militar, desde 1964. Sem essa debilidade do regime ditatorial, a implantação de uma teoria lingüística (talvez, fosse melhor, "uma teoria semântica" ou "discursiva") baseada em postulados marxistas, num país onde os estudos lingüísticos foram erigidos, principalmente, sob a égide da lingüística descritivo-antropológica americana, teria sido praticamente impossível.

³ Desenvolvimentos e avanços, aliás, reconhecidos pela tradição francesa, de acordo, por exemplo, com as referências contidas no *Que sais-je? «L'Analyse du discours: histoires et pratiques»*, de Francine Mazière (2005, p. 62).

Amossy. Houve, contudo, a partir dos anos 80, um certo distanciamento de uma boa parte dos analistas franceses da dimensão histórica do discurso, conforme o salientam as recentes críticas de J.-J. Courtine (2003) e de J. Guilhaumou (2004).

No Brasil, em contrapartida, existe ainda uma tendência a conservar uma investida histórica, ou, antes, política dos discursos, com uma espécie de preservação das posturas críticas que caracterizavam a AD desde o final dos anos 60. Esse gesto político-epistemológico, aliás, normalmente, aparece a um certo olhar francês um pouco, às vezes, "um pouco", ultrapassado; uma espécie de retardo frente a uma mudança de paradigma das ciências humanas ocorrida na França, da qual fala, por exemplo, François Dosse (1997)⁴, que ainda não teria chegado às terras brasileiras.

Compartilhamos do ponto de vista segundo o qual para se pensar as transformações epistemológicas da AD⁵, depreender sua evolução histórica, desde seus primórdios, enfim, para "mapear conceitos e confrontar limites", é preciso considerar atentamente as renovações propostas pelo próprio Michel Pêcheux⁶ e pelo seu Grupo, de modo que se possa seguir os desdobramentos ulteriores, sejam eles franceses ou brasileiros. Nos seus últimos textos, Michel Pêcheux fala, com efeito, das mudanças do discurso político, reiterando que esse campo discursivo estava já, naquele período, definitivamente relacionado com as mídias. A "língua de madeira" havia se transformado em "língua de vento" e as eleições pareciam cada vez mais manifestações esportivas transmitidas por essas mídias⁷. As modificações do objeto de análise já haviam imposto as transformações teóricas e metodológicas: já era o tempo da "heterogeneidade", da busca por novas vias, distanciando-se de uma

⁴ Pêcheux, em "Le discours: structure ou événement?", havia observado um certo retardo, ou, ao menos, uma certa diferença concernente à recepção dos autores estruturalistas franceses no mundo anglo-saxão e na América Latina, no começo dos anos 1980.

⁵ Do lado francês, à esteira dos trabalhos críticos de J.-J. Courtine et de J. Guilhaumou, mas também de uma espécie de "nova geração" da AD francesa: "Un regard rétrospectif sur les fondations et une réflexion épistémologique sur la discipline semblent désormais nécessaires à toute nouvelle recherche dans ce domaine." (PAVEAU, Marie-Anne; SARFATI, Georges-Elia, 2003, p. 202); no Brasil, o trabalho de Maria do Rosário Gregolin, Foucault e Pêcheux na Análise do discurso: diálogos e duelos (2004) é uma referência incontornável. Ver especialmente o capítulo 4, Chegado o tempo de partir os espelhos, todos os caminhos se bifurcam, sobretudo, o item A suspensão de um projeto, a virada lingüística.

⁶ Nesse sentido, o livro Denise Maldidier, L'inquiétude du discours (1990), é fundamental tanto por sua apresentação do percurso de Michel Pêcheux («(Re)lire Michel Pêcheux aujourd'hui»), que, certamente, confunde-se com o trajeto da própria AD, até a sua morte, quanto pela reunião de textos importantes, e, por vezes, mesmo inéditos do filósofo francês.

⁷ GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. La langue introuvable. Paris, Plon, 1981; PÊCHEUX, Michel. Délimitations, retournements et déplacements. L'homme et la société, Paris, número 63-64, p. 53-69, 1982; e PÊCHEUX, M. [1983] O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas, Pontes, 1997.

vulgata do marxismo althusseriano, de novas materialidades discursivas, da emergência das noções de memória discursiva, de acontecimento discursivo, etc. Mas, apesar das sugestões de Pêcheux, ainda não era chegado o tempo de considerar, de fato, o discurso político midiaticizado.

2. O discurso político: perspectivas e análises francesas e brasileiras

É a partir daí que J.-J. Courtine, depois de ter trabalhado, no final dos anos 70/começo dos anos 80, sobre um corpus de discurso político escrito, o discurso comunista endereçado aos cristãos, conforme se fazia tradicionalmente em AD (COURTINE, 1981)⁸, vai inflectir seu enfoque teórico e alterar consideravelmente seus procedimentos analíticos em direção às perspectivas históricas e antropológicas; ele postulará igualmente que "faire de l'analyse du discours, c'est apprendre à délinéariser le texte pour restituer sous la surface lisse des mots la profondeur enchevêtrée des indices d'un passe" (COURTINE 1989, p. 37). Além disso, Courtine afirma que não é possível fazer a mesma AD quando se trata de analisar o discurso político tradicional escrito, ou pronunciado numa tribuna, e quando se trata de considerar o discurso político transmitido pela televisão, no qual, em consonância/em dissonância com a linguagem verbal, o corpo, as imagens e a tela desempenham funções fundamentais na produção dos sentidos.

No Brasil, ainda sem ter realizado um recenseamento suficientemente detalhado, acreditamos que, possivelmente, os trabalhos mais sólidos e mais relevantes sobre o discurso político, tornados referências incontornáveis para as pesquisas ulteriores, debruçaram-se sobre corpora escritos ou orais que foram transcritos. É preciso mencionar, entre esses trabalhos, as análises de Haquira Osakabe, *Argumentação e Discurso Político* (1979), de Eni Orlandi, *A linguagem e seu funcionamento* (1983), de José Luiz Fiorin *O regime de 1964: discurso e ideologia* (1988; numa conjunção entre alguns fundamentos da AD e uma forte base de semiótica greimasiana), e mais recentemente o trabalho de Freda Indursky, *A fala dos quartéis e outras vozes* (1997) e alguns artigos do livro organizado por Maria Cristina Leandro Ferreira e Freda Indursky, *Os múltiplos territórios da AD* (1999). Embora a

⁸ Trata-se da tese de terceiro ciclo em lingüística que J.-J. Courtine defendeu em 1980, cuja banca foi composta por M. Arrivé (orientador), J. Dubois, M.-F. Morteux e pelo próprio M. Pêcheux. Esse último, na ocasião da publicação da tese de Courtine, na revista *Langages*, em junho de 1981, escreveu um prefácio que é uma espécie de manifesto de uma "nova época" da AD, aberta, segundo ele, pelo trabalho de Courtine.

pertinência analítica e histórica desses estudos seja incontestável, existe ainda, segundo cremos, uma imperiosa necessidade de alargar o domínio dos objetos de análise pertinentes.

Na França, seguindo o percurso de publicação da revista *Mots. Les langages du politique* – referência fundamental para uma reflexão como a nossa – ao longo das duas últimas décadas, constata-se claramente uma inflexão quanto aos objetos e aos enfoques concernentes ao discurso político, que contempla o paradigma midiático. Pensamos, particularmente, nos números 20 ("La politique à la télévision", 1989), 40 ("Écoutes, échos du politique", 1994) et 67 ("La politique à l'écran: l'échec?", 2001), consagrados às relações entre a política e as mídias e/ou aos suportes midiáticos, que, de certo modo e com algumas lacunas, ultrapassam a tendência lexicológica predominante nos números anteriores. Entretanto, algumas das recentes obras sobre o discurso político, como por exemplo, *Le discours politique: les masques du pouvoir*, de Patrick Charaudeau (2005), não contemplam a dimensão histórica da longa duração, ignoram alguns dos traços antropológicos da fala política e, sobretudo, deixam de lado, ou, ao menos, minimizam a relevância dos médias que participam amplamente da realização do discurso político contemporâneo⁹.

3. Elementos por uma semiologia histórica do discurso político contemporâneo

Evidentemente, as condições de produção do discurso, e, por conseqüência, do discurso político contemporâneo, englobam um grande número de razões, causas e fatores (para retomar as três instâncias da clássica epistemologia de Aristóteles) que constroem, marcam e caracterizam o discurso: assim, encontram-se indissociavelmente relacionados as razões antropológicas e históricas próprias à sua constituição, as causas conjunturais que condicionam sua formulação e os fatores materiais que regulam sua circulação. Todavia é possível acentuar (não exclusivamente) um desses âmbitos, conforme tentamos fazê-lo aqui

⁹ De fato, P. Charaudeau evidencia a interdependência entre as instâncias políticas, cidadãs e midiáticas, conferindo uma grande importância às mídias. Ora, ao invés das mídias, como lugar institucional absolutamente influente no universo político, conforme nós mesmos já o ressaltamos (PIOVEZANI FILHO, 2003), queremos enfatizar, aqui, o papel dos suportes midiáticos ou médias, pelos quais os discursos constroem sua substância concreta. Sobre esse aspecto, os trabalhos de Marlène Coulomb-Gully (2001 e 2003), são uma exceção, ainda que essa obra seja relativamente frágil quanto à sua abordagem da constituição histórica e da formulação linguística do discurso. Mesmo assim, nossa reflexão é tributária desses estudos e, sobretudo, daqueles desenvolvidos por Courtine (1989, 2003 e 2004).

em relação à instância material de transmissão dos discursos, ou seja, as mídias.

O deslocamento do discurso político da tribuna para a televisão assinala a inversão de um certo paradoxo: no palanque, o orador político tradicional está, como o descreve Courtine (1989), sob o "regard éloigné de la foule qui assiste à la performance", de modo que o conjunto dos ouvintes instaure uma relação com o político fundada sobre uma "distance proche"; de modo inverso, na televisão, o político está submetido a um "regard proche" do telespectador-cidadão-eleitor, que, de certa maneira, não está lá, ainda que esteja. Numa palavra, trata-se de uma relação de "proximité lointaine" (COURTINE 1989, p. 72-73). Com efeito, as inovações tecnológicas parecem ter contribuído para o advento de mudanças bastante significativas nas práticas de produção e de interpretação dos discursos políticos: seria necessário empreender uma história que estabelecesse as relações entre as transformações retóricas, as mudanças dos comportamentos corporais, e a série de metamorfoses tecnológicas cuja transmissão da fala à distância foi objeto desde o começo do século XX.

Essa "proximité lointaine" corresponde a uma "distância de intimidade"¹⁰ na qual o telespectador é instalado e a qual caracteriza a linguagem televisual. Se os contatos face a face das interações de terreno promovidas pelo discurso político no palanque consistem num encontro "real" do ator político com um auditório, na televisão esse encontro é produzido sob a forma de uma "ilusão". Entretanto, ao mesmo tempo em que o dispositivo midiático impede, pelas propriedades de seu funcionamento, a assimilação, a encarnação do corpo "real" da percepção¹¹, ele proporciona a produção de efeitos de real, sobretudo graças à sua capacidade de associar a imagem ao movimento e ao som.

O corpo político/do político na tevê é, portanto, uma imagem procedente de parâmetros técnicos visuais, das escolhas de mise en image efetivadas pela instância de realização, e do investimento antropológico e histórico que lhes são atribuídos (fato que, sem dúvida, causa problemas à noção tradicional de autoria): escalas dos planos, ângulos, enquadramentos, movimentos de câmera etc. Uma vez consideradas as

¹⁰ Sobre esses efeitos de "intimidade" e sobre um certo "poder em domicílio", as análises da Escola de Frankfurt foram pioneiras e ainda são referências importantes; e o livro de Richard Sennett, *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade* ([1975], 1988), uma fonte bibliográfica essencial.

¹¹ Não queremos aqui entrar na querela milenar que remonta dos "estruturalismos X fenomenologias", dos prelúdios do século XX até hoje, aos "nominalistas X realistas", da Idade Média, ou, ainda, aos partidários do "inteligível" ou do "sensível", da Antiguidade Clássica; apenas gostaríamos de ressaltar o fato de que, nesse caso, se trata da reprodução, mesmo que "ao vivo" da imagem do político e não de sua presença "em carne e osso".

quatro variáveis concebidas por J. P. Terrenoire (1981)¹², quais sejam, a superfície ocupada pelo protagonista, sua orientação, sua centralidade na tela e a profundidade do campo no qual ele se inscreve, e seguindo as distintas, mas, complementares orientações sugeridas por Courtine (1989, 2003 e 2004) e por Coulomb-Gully (2001 e 2003), podemos avançar dizendo que o corpo político é antes de tudo um rosto: enquanto se observou que o candidato à presidência da França, François Mitterand, havia limado seus caninos superiores; o presidente Lula, por sua vez, então também ele candidato, não somente limou os dentes, mas ainda cortou os cabelos e aparou consideravelmente a barba. Além disso, o político na tevê é ainda uma silhueta: não se trata mais de um corpo, como dito, mas de uma imagem cujos gestos e movimentos foram suavizados e controlados, na conjunção de um processo histórico de longa duração e da emergência de novas tecnologias.

Um rosto e uma silhueta, sem dúvida. Mas não apenas... Considerando que a televisão é um médium áudio-visual¹³, o político é também uma voz. Amiúde, uma escrita-falada (com uma série de efeitos que daí advém), cujo começo ou limite é a oposição entre a vive voix e a lettre morte. A passagem dos gestos longos e teatralizados do orador político na tribuna aos meneios expressivos, mas rigorosamente controlados, na televisão, corresponde às metamorfoses da voz, que era pulmonar, quando o instrumento para fazê-la materializar-se não era outro que as cordas vocais, e que passou a ser amplificada, com a invenção do microfone, e depois a capturada e transmitida, no rádio e na tevê. A gravação da imagem e do som abriu a possibilidade de um olhar sobre si e de uma escuta de si, e, conseqüentemente, de uma auto-correção.

¹² TERRENOIRE, Jean Pierre. L'analyse scénologique de l'image télévisée: la valorisation iconique. Geste et image. Paris, p. 105-120, 1981.

¹³ Utilizamos a noção de médium, não exatamente no sentido dos mais célebres representantes modernos, tais como Marshall McLuhan (nos anos 50/60) e Régis Debray, com sua midiologia, herdeira da filosofia errante de Michel Serres (dos anos 90 até nossos dias), mas, antes, no sentido de Hans Belting (Pour une anthropologie des images [2001, tradução francesa 2004]); ou seja, sublinhamos, à sua maneira, a relação constitutiva entre as instâncias simbólica, técnica e receptivo-interpretativa: o que, segundo Belting, se trata de um enfoque com uma configuração triangular, por meio dos laços partilhados pelos três âmbitos distintos, mas indissociavelmente relacionados e complementares, a saber: image-médium-regard/image-dispositif-corps, levando em consideração tanto os invariantes antropológicos quanto as transformações históricas que aí se produzem, poderia ser para a AD uma via de acesso privilegiada para abordar a produção dos efeitos de sentido. Assim, poder-se-ia conceber as relações entre o discurso, o médium no qual ele se materializa e a instância leitora/interpretativa. Se para Belting não seria produtivo analisar uma imagem sem colocá-la em correlação estreita com um corpo que a observa e com um médium observado; de modo análogo, acreditamos que seja bastante proveitoso focalizar a produção dos sentidos do discurso nela observando um discurso (na sua constituição histórica e na sua formulação lingüística, conforme já dito), um ouvinte que o ouve ou um leitor que o lê, e um médium que é observado. Sublinhe-se ainda que essa perspectiva teórico-metodológica tem muitas convergências com os postulados fundadores da História Cultural.

A voz foi suavizada paulatina e progressivamente: as tonalidades foram consideravelmente adocicadas, desde o tempo em que a bela voz de Ésquines era ouvida e admirada pelos participantes das clássicas assembleias; do período no qual Dom Pedro I, pressionado pelas ofensivas portuguesas, instigado pelo ideário independentista e impelido por uma carta de José Bonifácio, teria, num gesto largo, levantado a espada ou o chapéu (conforme as variações na história e na iconografia), e gritado, de viva voz e a plenos pulmões, o tão famoso "Independência ou morte"; ou da época em que Lamartine podia, ainda sem microfone, se fazer ouvir e apassivar a fúria da multidão que cercava o Hôtel de Ville. A intensidade vocal foi encaminhada para uma "mais justa medida", os tons e a curva melódica foram suavizados e amainados. O aspecto tonitruante de algumas vozes no cinema e nas origens da televisão praticamente desapareceu, sendo que as falas dos homens políticos seguiram por caminho análogo, quando de sua adaptação à linguagem audiovisual.

Ao adotar os postulados, tão interessantes quanto controversos, porque ousados e quase radicais, de Denis Dasse e de Ivan Fónagy¹⁴, Coulomb-Gully avança a seguinte hipótese:

"Rappelons que la télévision se caractérise par une forme d'écoute probablement moins attentive aux mots prononcés et à leur signification qu'aux sons. Plus que verbo-centriste, la télévision est voco-centriste. Au-delà, ou plutôt en deçà de la signification de ce qui est dit, on y perçoit la voix dans sa matérialité: la chair de la voix sous le sens des mots." (2003, p. 124)

Diferenças de espaço e tempo, diferenças do verbo, do corpo e da voz. Reconfigurações do objeto privilegiado de uma disciplina que nasceu analisando-o e que, no entanto, nem sempre considerou suas metamorfoses capitais. O que nós tentamos mostrar com este trabalho preliminar sobre o discurso político contemporâneo é a necessidade, ao mesmo tempo, de uma reflexão sobre a história e a epistemologia da AD

¹⁴ "La voix de notre interlocuteur nous parle plus que son discours" (DASSE, 1974, p. 183) e "Les traits de notre visage ne sont guère que des gestes devenus, par l'habitude, définitifs. La nature, comme la catastrophe de Pompéi, como une métamorphose de nymphe, nous a immobilisés dans le mouvement accoutumé. De même, nos intonations contiennent notre philosophie de la vie, ce que la personne se dit à tout moment sur les choses. [...] L'individu se baigne dans quelque chose plus général que lui. A ce compte, les parents ne fournissent pas que ce geste habituel que sont les traits du visage et de la voix, mais aussi certaines manières de parler, certaines phrases consacrées, qui presque aussi inconscients qu'une intonation, presque aussi profondes, indiquent, comme ele, un point de vue sur la vie" (Marcel Proust, À la recherche du temps perdu, citado por FONAGY, 1983, p. 156).

(por meio de uma investida comparativa dos desenvolvimentos franceses e brasileiros da disciplina), e de uma interrogação sobre a viabilidade de um enfoque que integre a AD, a História Cultural e a Antropologia Histórica, ao qual nós designamos semiologia histórica do discurso político contemporâneo. Talvez, fosse interessante retomar os ensinamentos da retórica clássica que comportava, sem quase nunca dissociá-las, a *inventio*, a *dispositio*, a *elocutio*, a *actio* e a *memoria*. Assim, seria possível contemplar não apenas a história e a memória dos discursos e sua formulação, mas também sua transmissão e circulação que sempre fazem sentido. Noutros termos, talvez fosse razoável não se esquecer que, diferentemente dos anjos que transmitem a palavra de Deus sem nenhum desvio, sem nenhuma alteração, a infidelidade involuntária, porque constitutiva, de Hermes não é sem efeito sobre os efeitos de sentido.

Bibliografia

- BONNAFOUS, Simone et alii. (org.). *Argumentation et discours politique*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Le discours politique: les masques du pouvoir*. Paris, Vuibert, 2005.
- CONEIN Bernard et alii. (org.) *Matérialités discursives, Actes du colloque de Nanterre, Lille, Presses universitaires de Lille, 1981.*
- COULOMB-GULLY, Marlène. *La démocratie mise en scènes: télévision et élections*. Paris, CNRS Éditions, 2001.
- COULOMB-GULLY, Marlène. *Rhétorique télévisuelle et esthétisation politique: le corps (en) politique*. In: BONNAFOUS, Simone et alii. (org.). *Argumentation et discours politique*. Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2003.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Analyse du discours politique: le discours communiste adressé aux chrétiens*. *Langages*, Paris, Larousse, número 62, 1981.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Corps et Discours: Eléments d'histoire des pratiques langagieres et expressives*. Thèse d'État, Paris, Université de Paris X-Nanterre, 1989.
- COURTINE, Jean-Jacques. *Le discours introuvable. Marxisme et linguistique, 1965-1985*. *Histoire, Epistémologie, Langage*, Volume II, número 13, p. 154-171, 1991.

COURTINE, Jean-Jacques. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário V. (org.) Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos, Claraluz, 2003. (Coleção Olhares Oblíquos)

COURTINE, Jean-Jacques. L'étrange mémoire de l'AD. I Seminário de Estudos em Análise do Discurso, Porto Alegre, 2003. (manuscrito)

COURTINE, Jean-Jacques. Pacification des mots et des gestes. Problèmes politiques et sociaux, número 900, "Télévision et politique", Paris, La documentation française, p. 82-85, mai 2004.

DASSE, Denis. L'ombilic et la voix: deux enfats en analyse. Paris, Seuil, 1974. (Collection "Points").

DELEUZE, Gilles. Foucault, Paris, Éditions de Minuit, 1986.

DOSSE, François. L'empire du sens: l'humanisation des sciences humaines. Paris, La Découverte, 1997.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador: uma história dos costumes (2 volumes), Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

FIORIN, José Luiz. O regime de 1964 : discurso e ideologia. São Paulo, Atual, 1988.

FONAGY, Ivan. La vive voix: essais de psycho-phonétique. Paris, Payot, 1983.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. Utopies et hétérotopies. Paris, INA, 2004 (CD).

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. La langue introuvable. Paris, Plon, 1981.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. (org.) Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos, Claraluz, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário V. Foucault e Pêcheux: diálogos e duelos. São Carlos, Claraluz, 2004.

GUILHAUMOU, Jacques. Où va l'Analyse du discours? Autour de la notion de formation discursive. Revue Texto!, http://www.revue-texto.net/Inedits/Guilhaumou_AD.html, 2004.

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, M. La sémantique et la coupure sassurienne : langue, langage, discours. Langages, número 24, Paris, Larousse, p. 93-106, 1971.

INDURSKY, Freda. A fala dos quartéis e outras vozes. Campinas, Hucitec/Editora da Unicamp, 1997.

INDURSKY, Freda; Ferreira, Maria Cristina L. Os múltiplos territórios da Análise do Discurso. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 1999.

MALDIDIÉ, Denise. L'Inquiétude du discours. Paris, Éditions des Cendres, 1990.

Mots/Les langages du politique. La Politique à la Télévision, número 20, Paris, Presses de SciencesPo(1989) “.

Mots/Les langages du politique. Écoutes, Échos du Politique, número 40, Paris, Presses de SciencesPo, 1994.

Mots/Les langages du politique. La Politique à l'écran : l'échec ?, número 67, Lyon, ENS Éditions, 2001.

ORLANDI, Eni. P. (1987), A linguagem e seu funcionamento. Campinas, Pontes.

ORLANDI, Eni. P. Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, Pontes, 2001.

OSAKABE, Haqira. Argumentação e discurso político. São Paulo, Martins Fontes, 1979.

PAVEAU, Marie-Anne; Sarfati, Georges-Elia. Les grandes théories de la linguistique : de la grammaire comparée à la pragmatique. Paris, Armand Colin, 2003.

PECHEUX, Michel. Analyse automatique du discours. Paris, Dunod, 1969.

PECHEUX, Michel. L'étrange miroir de l'analyse du discours. Langages, Paris, Larousse, numéro 62, p. 5-8, 1981.

PÊCHEUX, Michel. Délimitations, retournements et déplacements. L'homme et la société, Paris, número 63-64, p. 53-69, 1982.

PÊCHEUX, M. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas, Pontes, 1997.

PIOVEZANI FILHO, Carlos. Política midiaticizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GREGOLIN, M. R. V. (Org.) Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos, Claraluz, 2003. (Coleção Olhares Oblíquos)

PIOVEZANI FILHO, Carlos. Du discours politique sur l'écran: pour une analyse du discours sous le patronage de Hermès. (comunicação apresentada no Colóquio Technologies du langage: vers la société du savoir, UNESCO, Paris, setembro de 2005)

SENNET, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo, Cia. Das Letras, 1988.

TERRENOIRE, Jean Pierre. L'analyse scénologique de l'image télévisée: la valorisation iconique. Geste et image. Paris, numéro 26, p. 105-120, 1981.